

PRADO
PANORAMA SESI DE DANÇA

Quasar foi o ponto alto da edição

INÊS BOGÉA

CRÍTICA DA FOLHA

TERMINOU domingo o Panorama Sesi 2002. Nove grupos de dança brasileiros ocuparam o Sesi desde o dia 31/01, sempre com casa cheia. Só isso já é motivo de comemoração: mais uma prova de que, em se plantando, tudo dá, nessa terra onde se planta tão pouco. Uma resenha anterior (12/2) comentou as primeiras duas semanas do Panorama. Vamos, agora, à outra metade.

A Cia. Wlap trouxe "Lar Doce Lar", que recria um mundo da década de 50, usando notícias de rádio da época. Com acentos de humor e movimentação simples, Patrícia Werneck e Luiz de Abreu retratam o cotidiano de um casal, transformado em mais que cotidiano e mais que casal. O risco da simplificação não é maior que o da simbolização; mas a dupla se

equilibra no fio dessa navalha perigosa.

Jorge e Willy exibiram "Sarau" e "Quatro Corpos" — a segunda bem mais instigante que a primeira. O corpo aqui reage livremente a seu próprio deslocamento no espaço. Pena que o roteiro ("caos urbano" etc.) seja um problema. Mas quase sempre não é.

Um ano depois de sua estréia, "Como se Não Coubesse no Peito", de Denise Namura e Michel Bugdahn, foi reapresentada pelo Balé da Cidade de São Paulo. De lá para cá, o grupo encontrou as nuances que procurava, com outras cores de humor/amor. Segundo programa: "Divinéia", de Jorge Garcia, "Lac", de Sandro Borelli, e "Z", de Germaine Acogny. Borelli recria um duo tchaikovskiano de cisnes, com pensando a exuberância perdida dos gestos clássicos com inventividade e ironia.

O ponto alto do Panorama foi mesmo a Quasar, de Goiânia, que apresentou "Coreografia para Ouvir". Tida por consenso como uma das companhias mais importantes do país, a Quasar veio amadurecendo aos poucos a linguagem de seu coreógrafo, Henrique Rodovalho. Os movimentos da dança de rua são uma de suas fontes mais óbvias; mas a dança de rua é potencializada por ele em outra dança, onde a energia original explode em mil novos vetores. Os movimentos são feitos por impulsos de uma parte do corpo para outra, sem referência clara ao caminho traçado.

O que se ouve, em "Coreografia para Ouvir", são depoimentos de gente de rua também. Não qual quer gente: nordestinos. Não qualquer nordestino: músicos, cantores, repentistas. E a dança parte dessas palavras, que já são música, no som e no sentido. Por

exemplo: para acompanhar um duelo de repentistas, há um duelo de dança, que deixa a platéia de boca aberta, pela rapidez e precisão dos bailarinos.

O Brasil de dentro tem uma força que o Brasil de fora não vê. Ou não quer ver. Mas um espetáculo desses, feito de quase nada — um pano simples ao fundo, iluminação de vários modos; figurinos mínimos; trilha feita com gravador em punho —, confere à dança um papel de mensageiro e renovador. Rodovalho não é mais só um coreógrafo: é todo um universo humano, que a gente habita de novo pela primeira vez. "É bonito, tá entendendo? É bonito", comenta uma das vozes desse coral imaginário, traduzido espantosamente em dança. "É bonito, tá entendendo? É bonito." Foi mais que bonito. Foi lindo.

Avaliação: ★★